

Chiado em efeito dromológico.
Crónicas de heterotopias
mundanas

Fernando Rosa Dias



Entre o Religioso e o laico — a entrada do Chiado na modernidade

Após ser bairro medieval de conventos, com necessária introspecção religiosa, a entrada do Chiado na modernidade forneceu-lhe outras e múltiplas funções, desapegando os frades das ruas e invadindo-as com outras classes sociais, destacando-se uma burguesia em busca de consciência e afirmação de classe: «O Terramoto de 1755 e a extinção das Ordens religiosas em 1834 alteraram totalmente esta faceta conventual do Chiado, que se tornou um local mundano e burguês. Decididamente, como disse Garrett, aqui o “barão substitui o frade”»¹. Se à sua saída da medievalidade o Chiado se apresentava como um bairro de mosteiros, onde os frades dominavam, a modernidade foi invadindo-o de um laicismo *aburguesado*, cultural, consumista e turístico. Ao mesmo tempo ofereciam-se novos ritmos, com a chegada imediata de novos instrumentos de velocidade que se acrescentavam ao peão e ao cavalo, como o eléctrico (os carris começam em 1872 ainda puxados a cavalos, o «carro americano», e a primeira carreira eléctrica em 1901), as lambretas, o automóvel ou o mais recente fenómeno (ou epidemia) do *tuk-tuk*, o «autorríquexó».

Entretanto, algumas igrejas continuam lá, mantendo a sua função religiosa, mas outras dinâmicas se estabeleceram, definindo a espantosa encruzilhada que caracteriza o Chiado. Marcante na manutenção dessa tradição religiosa, e de forte ligação com a cidade, é a procissão do *Senhor dos Passos*, iniciada em 1587 — já se disse que o Chiado se torna «miradouro» «à passagem deste préstito»².

Sinalizemos as actuais Igrejas do Chiado. A *Igreja de Nossa Senhora do Loreto* (com construção primitiva em 1522, ardeu em 1651, para ser reconstruída em 1676, como depois do terramoto de 1755, reabrindo em 1771) e a de *Nossa Senhora da Encarnação* (concluída em 1718, foi reconstruída após o terramoto, reabrindo em 1785) estão frente a frente a fechar o Chiado, duas «sentinelas vigilantes» que parecem substituir as torres das antigas muralhas *fernandinas* de Santa Catarina, como um aconchego espiritual à entrada no passeio galante e mundano da via do Chiado.

Logo a seguir, a *Igreja de Nossa Senhora dos Mártires*, que substituiu após o terramoto, e com traça urbana renovada, uma velha *Igreja da Paróquia de Nossa Senhora dos Mártires*, criada em 1147 por D. Afonso Henriques. Na Calçada do

1. Margarida Calado, «Antes do Terramoto: O Chiado dos Conventos», in livro/catálogo: *Chiado — efervescência urbana, artística e cultural de um lugar* (coordenação de José Quaresma e Fernando Rosa Dias), Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, CIEBA, 2010, p.96. Para as igrejas no Chiado, ver ainda Mário Costa, *O Chiado pitoresco e elegante. História. Figuras, Usos e Costumes*, Município de Lisboa, 1987 (2ª edição), pp.29-31.

2. Cf. Mário Costa, *O Chiado pitoresco e elegante. História. Figuras, Usos e Costumes*, Município de Lisboa, 1987 (2ª edição), pp.35-38.

Sacramento ainda está a *Igreja do Sacramento*, erguida em 1671, a única em Lisboa orientada para Sul. Também colocada em ruínas pelo terramoto, seria ali recomposta a partir de 1772.

Se estas igrejas ainda estão lá, cumprindo as suas funções religiosas, outros espaços religiosos foram entretanto transformados e adaptados a outras funções: o vasto Mosteiro de S. Francisco é hoje Faculdade de Belas Artes, Academia e Museu de Arte Contemporânea; tornando-se, portanto, um lugar das artes por excelência, em diferentes funções e ritmos. Com estas instituições afins, com uma mesma origem histórica fundada na Academia de Belas Artes de oitocentos e a partilharem o mesmo espaço, a *Cidade de S. Francisco*, como se chamava, alberga hoje o que poderia ser uma *Cidade das Artes*: com a Faculdade de Belas Artes, a Academia Nacional de Belas Artes e o Museu de Arte Contemporânea.

O *Convento do Espírito Santo da Pedreira* foi trocado pelos armazéns do Chiado. O Mosteiro do Carmo é hoje *Museu Arqueológico do Carmo*, com impressionante espaço aberto na zona das naves, memória viva do terramoto de 1755, com as suas reconstruídas nervuras góticas sem panos, abertas como um esqueleto estrutural. Esta reconfiguração do religioso em comercial e cultural são marcações dessa história do Chiado e da sua entrada na Era Contemporânea.

Mas a história que nos interessa nessa transformação do Chiado é a construção de uma fortuna laica, que o tornou um microcosmos central da cidade e do país, onde a cultura e mundanidade passaram a ter aí a sua primeira expressão.

A referida metamorfose do Chiado, de dominantes funções religiosas em laicas, permitiu uma história de diferentes camadas de tempo e funções que se concentraram no seu *pequeno* espaço. As origens da toponímia, e para lá da que-rela que ainda possa existir, revelam uma dupla vertente original, ambas nascidas de alcunhas e ambas de grande potencial significativo. Uma refere a alcunha de Chiado ao taberneiro e vinhateiro Gaspar Dias; a outra aponta a mesma alcunha a António Ribeiro, o poeta popular e chocarreiro³. De um lado temos a origem *mundana* do Chiado de tabernas e a sua transformação ou extensão em cafés, pastelarias, leitarias, casas de chá, restaurantes, casas de pasto, etc.; a outra, do poeta, está na marcação *artística* de teatros, salas de cinema, galerias, museus, e as várias instituições de cultura, tal como a sua extensão a livrarias, editoras redacções de jornais. Ambas se ligam em termos de vivência social e artística, com as várias tertúlias em cafés. E ambas fazem já parte da componente *comercial*, que se estendia às mais variadas actividades. E em todas elas, o

Chiado parecia apresentar o mais refinado, o exemplo ou modelo de referência, o seja, o que fazia história. Tudo parecia lá acontecer primeiro. Qualquer estudo olisipográfico confronta-se imediata e fatalmente com esta forte concentração de frenesim, de vida e de história, que marcam aquele espaço como camadas densas de diferentes vidas.

O Chiado é, no fundo, apenas uma Rua (antiga Rua Direita das Portas de Santa Catarina e Chiado e hoje Rua Garrett) e um pequeno largo a oeste (que foi o lugar da Porta ou Portas de Santa Catarina, devido à cerca de D. Fernando, construída entre 1373 e 1375, e demolida em 1702, e que já foi ainda Largo da Cordoaria Nova, Largo das Cavalariças Reais, Largo do Loreto e Largo das Duas Igrejas, até 1925, altura em que passaria a ser Largo *do Chiado*; e também teve a alcunha popular de *Largo dos Galegos*) que ligam a colina das Portas de Santa Catarina e o Bairro Alto a oeste, com a Baixa Pombalina a este, e que uma rede de perpendiculares estende e comunica a norte e sul, que são ainda sua parte. A nossa questão é como este espaço tão cerceado, situado na mediação de outros, quase parecendo um mero elo de ligação entre eles, conseguiu incorporar tantos ritmos e metamorfoses de densa expressão mítica nacional, sempre acompanhando os tempos que pareciam ter nele a sua primeira expressão. Um *topos* denso e saturado de *polis* — que, pela sua história e vida, mais parece uma vasta avenida de uma das grandes capitais do mundo. Há três dimensões de vida e história que vamos usar para o sublinhar: a *cultural*, a *comercial* e a *mundana*.

Chiado cultural

O Chiado é um símbolo de uma intensa vida intelectual e artística portuguesa, com os Museus, a *Academia e Faculdade de Belas Artes*, o *Grémio Literário*, os teatros e cinemas, as esculturas monumentais no espaço público (com destaque para o ciclo dos poetas), as galerias ou as livrarias. O Chiado foi dos românticos, como dos naturalistas do grupo de Leão, como dos futuristas de Orpheu e de várias gerações de modernistas. Os vários movimentos da difícil construção da nossa modernidade artística tiveram aí o seu palco.

O *Grémio Literário*, criado em 1845, instalava-se em 1875 no palacete do Visconde de Loures na actual Rua Ivens, referenciando aí um lugar simbólico de cultura, nascido com o romantismo nacional de Herculano e Garrett (e por proximidade justifica a mudança toponímica da *Rua Garrett* que substituiria a de *Rua Direita das Portas de Santa Catarina e Chiado*). O Grémio sinaliza também o Chiado como lugar de encontros literários, de exposições,

debates e tertúlias em cafés e livrarias/editoras, e os seus vários clubes⁴.

Por vezes estranhamente algo negligenciada é a sua ligação à artes plásticas, enquanto zona de exposições desde as origens da Academia de Belas Artes. Em 1836 abria a Academia de Belas Artes e a Biblioteca Pública no Mosteiro de São Francisco. Daqui nasceria depois, por separação, a *Escola de Belas Artes* (hoje *Faculdade de Belas Artes*, com uma actual comunidade de cerca de 2000 pessoas, entre alunos em três ciclos de formação, professores, investigadores e funcionários), a *Academia Nacional de Belas Artes* e o *Museu de Arte Contemporânea* (do Chiado) — entretanto saiu o espólio da Biblioteca para edifício maior que suportasse a sua crescente colecção, no que seria o último projectado por Pardal Monteiro, dentro dos seus trabalhos para a Cidade Universitária de Lisboa, a *Biblioteca Nacional* no Campo Grande, inaugurada em 1969. E lá estivera instalada a Galeria Nacional de Pintura da Academia de Belas Artes. Seria o Convento de S. Francisco a receber o monumental acervo de arte que vinha de todo o país dos Conventos extintos em 1834. A colecção crescia nos anos seguintes, e após a lenta catalogação, restauros, emolduramentos e outros preparos, inaugurava-se a *Galeria Nacional de Pintura* em 1869, que era o antepassado do *Museu Nacional de Belas Artes e Arqueologia* (depois *Museu Nacional de Arte Antiga*) inaugurado em Junho de 1884 nas Janelas Verdes⁵.

Relativamente a esta relação com as artes, interessa apontar a quantidade de galerias de arte que já se fixaram no Chiado, e com relevância histórica na arte portuguesa. As galerias em Lisboa sempre tiveram dispersas (ao contrário do fenómeno da Miguel Bombarda, grande construção na cidade do Porto de finais do século XX), desvantagem que um crítico de arte estrangeiro, mas activo em Portugal na época, apontava em 1964: «Lisboa, uma cidade com quase um milhão de habitantes, conta apenas com meia dúzia de galerias que, lamentavelmente, estão mal situadas e afastadas umas das outras»⁶. Esta constatação pode ser confrontada com outra contígua, que acrescentamos em retrospectiva: se nunca houve essa zona das galerias em Lisboa, ele só poderia, contudo, ter acontecido num lugar — no Chiado.

Levantemos algum historial, ainda por fazer com profundidade, das galerias e espaços expositivos de arte no Chiado. Logo no início, e na história das nossas

4. Cf. José-Augusto França, «O Grémio Literário», in livro/catálogo: *Chiado — efervescência urbana, artística e cultural de um lugar* (coordenação de José Quaresma e Fernando Rosa Dias), Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, CIEBA, 2010, pp.28-29.

5. Hugo Xavier, «A Galeria Nacional de Pintura da Academia de Belas Artes de Lisboa: da formação do acervo à criação do Museu Nacional de Belas Artes e Arqueologia (1834-1884)», in catálogo: *Belas Artes da Academia — Uma Colecção Desconhecida*, Lisboa: Galeria de Pintura do Rei D. Luís, 14 Janeiro a 29 Março 2016, p.27-39.

6. Nelson Di Maggio, «Arte», in *Flama*, Lisboa, nº838, 27 Março 1964, p.33.

primeiras exposições temporárias e públicas de arte, em regime análogo ao do *salon* francês, este nascido mais de um século antes, surgiram as *Exposições trienais* que a Academia Nacional lançava em 1940, com a presença da Rainha D. Maria II, fundadora da Academia. Continuadas em 1843, interrompidas em 1846 e 1849 (devido à Guerra Civil do *cabralismo* e sua crise) seriam retomadas novamente em 1853, 1856 e 1862, ano em que a Academia se tornava *Academia Real de Belas Artes*. Nesta altura, e nos mesmos espaços da Academia, começaram a realizar-se as exposições da *Sociedade Promotora de Belas Artes*, criada em 1860 na Academia de Belas Artes. Esta Sociedade fundir-se-ia mais tarde com o *Grémio Artístico*, que tinha sido criado em 1890, nascendo daí a *Sociedade Nacional de Belas Artes*, com edifício próprio inaugurado em 1913, já bem fora do Chiado⁷.

Não muito longe, no tempo e no espaço, o *Grupo do Leão* efectuou na Sociedade de Geografia, então na Rua do Alecrim (ali bem perto do Chiado e praticamente sua extensão), as suas *Exposições de Quadros Modernos (Exposição de Arte Moderna* a partir da 5^a, de 1985, devido à crescente presença de escultores) marcantes e preenchendo os anos de 1980. Sabe-se ainda que Columbano efectuou em 1894 uma exposição de dezoito retratos na Livraria Gomes, no Chiado, e que em 1911 apresentou trabalhos no seu ateliê da Academia de Belas Artes.

A modernidade foi lançada pelos humoristas em diferentes exposições pelo Chiado. As duas primeiras exposições, em 1912 e 1913 realizavam-se nas salas do Grémio Literário. Uma terceira em 1920, tal como uma exposição de arte de modernistas, promovida pela revista *Alma Nova* em Fevereiro de 1917, aconteciam no Salão do Teatro S. Carlos.

O *Salão Bobone* foi o mais marcante da cidade com a sua regularidade, num modernismo elegante e mundano nas primeiras décadas do século XX, regular até à década de 1930. Pertencia ao fotografo Augusto Bobone, que tinha também aí o seu espaço de ateliê, que se estendia entre os números 79 a 87 da Rua Serpa Pinto.

A *Galeria UP*, criada por António Pedro, na mesma Rua Serpa Pinto (28-30), seria marcante na década de 1930, e expôs nomes marcantes do tempo como António Pedro, Almada Negreiros, Sara Afonso, Abel Manta, Jorge Barradas, Mário Eloy, Bernardo Marques, Arlindo Vicente, Helena Veira da Silva, Arpad Szenes ou Júlio dos Reis Pereira. A *Casa Repe* de mobílias em liquidação serviu para a mítica exposição surrealista de António Pedro e António Dacosta (com a escultora inglesa

⁷ José-Augusto França, «Para a história das Academias de Belas Artes em Portugal», in catálogo: *Belas Artes da Academia — Uma Coleção Desconhecida*, Lisboa: Galeria de Pintura do Rei D. Luís, 14 Janeiro a 29 Março 2016, pp.11-17.

Pamela Boden) em 1940. A primeira exposição do Grupo Surrealista de Lisboa era efectuada no n.º 25, 4.º andar, da Travessa da Trindade, mesmo ali perto, na paralela à Rua Garrett, por trás da Brasileira, em espaço que tinha sido casa e ateliê de António Pedro, e que este deixara António Dacosta habitar ao longo da década de 1940 e até à sua partida para Paris em princípios de 1947. E poucos anos depois, em 1952, outra histórica exposição do surrealismo português era efectuada na *Casa Jalco*, loja de móveis na Rua Ivens e a poucas dezenas de metros da Rua Garrett (esta exposição animaria a ideia de fundar um espaço expositivo regular, dando origem à *Galeria de Março*, essa bem mais distante do Chiado).

A *Galeria Pórtico*, marcante em meados dos anos 50, e por poucos anos, abriu bem anexo ao Chiado, logo ali no início da subida da *Rua da Misericórdia*, numa loja de mobiliário e decoração, desaparecida faz poucos anos. Foi animada por um grupo de alunos das Belas Artes casos de René Bertholo, Lourdes Castro, Gonçalo Duarte ou José Escada, nomes que viriam pouco anos depois, em 1958, a fundar em Paris a mítica revista (e grupo) *KWY*.

A Galeria do *Diário de Notícias* abria na sua livraria em pleno Largo do Chiado, nº9, em Abril 1957 com uma exposição de Alberto de Sousa e com conferência de Reynaldo dos Santos⁸. Seria activa até 1964, tendo algumas circunstanciais e efémeras reaberturas expositivas até aos anos 80. Embora acusada de ser «muito diferente o valor dos artistas», realizaram-se ali «algumas das melhores exposições» da «temporada» de 1962-1963⁹. Chegaria a expor João Vieira, Menez, René Bertholo, Lourdes Castro, Costa Pinheiro, Carlos Calvet, Manuel Baptista, Fernando Conduto, Bual, Hogan, Jorge Martins, Areal, Júlio Pomar, Níkias, entre outros. Bem perto, existiu a *Galeria Opinião*, no nº24 da Rua Nova do Trindade, activa no início da década de 1970 e ainda sobrevivendo aos primeiros tempos da Revolução de Abril de 1974, tendo acolhido então actividades de *performance pública* do *Grupo Acre*, como a venda de diplomas de artista no Chiado, em plena rua, em princípios de 1975¹⁰.

8. «Uma nova galeria de arte em Lisboa», in *Diário de Notícias*, Lisboa, 4 Abril 1957, p.7; «Galeria de exposições de arte. Na livraria do “Diário de Notícias” no Chiado», in *Diário de Notícias*, Lisboa, 11 Abril 1957, p.1; «Galeria de exposições de arte. Na livraria do “Diário de Notícias” no Chiado», in *Diário de Notícias*, Lisboa, 13 Abril 1957, p.1; «A inauguração da galeria de exposições do “Diário de Notícias”», in *Diário de Notícias*, Lisboa, 14 Abril 1957, p.1; S. P. (Sellés Paes), «Artes plásticas. Uma nova galeria em pleno Chiado», in *Diário Ilustrado*, Lisboa, 19 Abril 1957, p.6.

9. Rui Mário Gonçalves, «Crítica de Artes Plásticas. Exposições Individuais», in *Jornal de Letras e Artes*, 12 Junho 1963, p.5.

10. Fernando Rosa Dias, «Dois Momentos Históricos da performance do Chiado: as acções futuristas e o Grupo Acre», in *O Chiado da Dramaturgia e da Performance. Arte na Esfera Pública* (coordenação de José Quaresma), Lisboa: CIEBA-FBAUL, Aix-en-Provence: LESA, 2014, pp.40-71.

Nos últimos anos, e ainda activas, apontemos a existência de diferentes espaços expositivos. A galeria da Faculdade de Belas Artes, que já foi em vários locais e, como vimos, tem um passado fundador enquanto ligado à Academia de Belas Artes. Recentemente institucionalizou um lugar próprio de actividade regular com várias dezenas de exposições por ano, naturalmente articulado com os ciclos escolares de formação e o seu Centro de investigação e Estudos em Belas Artes (CIEBA). Também aí a Cisterna chegou a ser um lugar mítico de exposições e performances, activa entre os anos 80 e 90 do século passado, mas que questões de segurança suspenderam. Assinale-se ainda que esta instituição tem efectuado exposições exteriores, de finalistas dos cursos ou outras, e que algumas se estenderam a locais do Chiado ou ao próprio Chiado, com exposições artísticas em pleno espaço público, destacando-se as dinamizadas pelo Professor José Quaresma desde 2009. E as próprias salas e corredores vão-se animando constantemente, servindo de exibição dos trabalhos dos alunos, sobretudo em época de avaliações.

De sentido mais comercial, apontemos algumas galerias actuais. A *Galeria Chiado 8*, da seguradora *Fidelidade-Mundial*, no rés-do-chão do Palácio Pinto Basto, de fachada virada para o próprio Largo do Chiado, e que durante alguns anos actuou em colaboração com a Galeria Fernando Santos do Porto, quase uma sucursal (que depois se instaria, com galeria própria e também por poucos anos, na Rua de São Paulo já fora da zona do Chiado). A *Galeria de Arte Espaço Chiado*, no centro comercial Espaço Chiado na Rua Nova do Trindade. A *Galeria de Arte Fundação Sousa Pedro*, na Rua Serpa Pinto, nº10, em espaço que era a cripta da Igreja dos Mártires, activada depois das obras decorridas entre 2005 e 2006, mas com actividade algo irregular. Na Rua Ivens, que liga o Chiado à Faculdade e à Academia de Belas Artes, temos a *Galeria João Esteves Oliveira*, no nº 38, fundada em 2002, mas que já faz história com o seu trabalho específico de arte moderna e contemporânea sobre papel; e a *Galeria S. Francisco*, logo ao lado no nº40, que é a mais antiga activa no mesmo lugar no Chiado, criada em 1969, indo já na terceira geração, sendo dirigida pela pintora Margarida Cepeda.

Bem perto do Chiado apontemos ainda de actividade recente, algumas galerias: a *Galeria Alecrim 50*, na Rua do Alecrim; A *Galeria Domus* na Rua Victor Cordon; a *Galeria Galveias*, fundada em 2000 na Rua da Misericórdia (que tem articulações com a Galeria S. Francisco); a *Galeria Quadrado Azul*, sucursal de homónima do Porto, no Largo dos Stephens, nº 4.

E claro, não esquecendo as galerias de arte nos cafés, sendo famosas as d'A *Brasileira*, que na reforma elegante do espaço em 1925, incorporou uma galeria de quadros dos modernos (Jorge Barradas, António Soares, Eduardo Viana, José Pacheko, Almada Negreiros, Bernardo Marques e Suart Carvalhais), que se tornava

emblema e desafiava o definhamento do Museu de Arte Contemporânea logo ali. Os quadros desgastavam-se, e disso acusaria o crítico Alfredo Marques em 1963¹¹, para serem trocados na sequência de nova reforma do espaço em finais de 1960, que incorporaria obras de uma nova geração de artistas, que ainda lá estão¹². Em afinidade, refira-se, da década de 1950, o mural em mármore policromado de Bartolomeu Cid dos Santos na *Havaneza*, com motivos do Chafariz dos Galegos, ou a grade de bronze esculpida por Jorge Vieira logo ao lado, na dependência do *Banco Burnay* (em processo de remodelação em que parte da *Havaneza* era absorvida pelo Banco). Ou o painel cerâmico de Jorge Barradas para a loja da Editora Ática. Ou ainda, e recuando na história da arte, as pinturas e esculturas em Igrejas, como os frescos e painéis que Pedro Alexandrino pintou em finais do século XVIII tanto para a Basílica de Nossa Senhora dos Mártires como para a Igreja do Sacramento.

Decisiva história são os teatros e cinemas, que não existindo na rua que tinha sido do Chiado, nem no Largo homónimo, cresceram bem anexados em seu redor, como que o cercando, fazendo do Chiado lugar de encontro e passagem dos seus espectáculos¹³. O *Teatro Ópera do S. Carlos* inaugurava tudo em 1793, como sala de Ópera da cidade (que finalmente substituía a malograda Ópera do Tejo, destruída com o terramoto de 1755 após seis meses de vida), e abria um largo defronte, como uma brecha no espaço dos labirínticos conventos, tal como convocava outras modas e elegâncias. Em 1813 abria, bem perto, o teatro de S. Roque, onde é hoje a Santa Casa da Misericórdia. O *Teatro do Ginásio ou Gymnásio*, depois de ser uma espécie de circo, nascia em 1846 na Rua Nova do Trindade, com obras e reaberturas em 1852 e 1869. Ardia em 1921 para reabrir e logo se adaptar como sala de cinema (ou cine-teatro) à entrada dos anos 30, porque os tempos e modas de espectáculo eram já outros. O *Teatro da Trindade* abriu em 1867 e vai mantendo a sua actividade. Foi aqui, a 8 de Novembro de 1940, a primeira apresentação pública do *Gaio Verde*, Grupo de Bailado projectando por António Ferro dentro do plano de «educação do gosto» do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), numa

11. Alfredo Marques, *Diário Popular*, 8 Abril 1963. Cf. Mário Costa, *O Chiado pitoresco e elegante. História. Figuras, Usos e Costumes*, Município de Lisboa, 1987 (2ª edição), p.205.

12. Fernando Rosa Dias, «O Chiado na Pintura — Imagens da Tertúlia», in livro/catálogo: *Chiado — efervescência urbana, artística e cultural de um lugar* (coordenação de José Quaresma e Fernando Rosa Dias), Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, CIEBA, 2010, pp.246-265.

13. Cf. José-Augusto França, «O Chiado e o(s) cinema(s)», in *O Chiado e o Cinema. Do Cinema ao Videomapping — Artes na Esfera Pública* (coordenação de José Quaresma), Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2015, pp.17-26; Margarida Calado, «O Chiado e o Cinema. Um Ensaio entre a História e a Memória», *Ibidem*, pp.27-37; Mário Costa, *O Chiado pitoresco e elegante. História. Figuras, Usos e Costumes*, Município de Lisboa, 1987 (2ª edição), pp.63-67.

síntese entre a modernidade dos bailados russos e a cultura popular portuguesa.

Em 1894 abriu o *Teatro D. Amélia*, depois *República* em 1910, ardido em 1914 (escapando o Jardim de Inverno), e que se mantém ainda com o nome de *S. Luís*, que passou a ter em 1918. Aqui nasceram das primeiras projecções do animatógrafo de Lisboa, o *São Luís Cine*, inicialmente com sessões curtas, por vezes intercaladas com o teatro. Logo acima instalava-se o mais popular *Chiado Terrasse*, que nascia em 1908 para durar, com relativa regularidade, mais de 60 anos. Bem perto, nasciam em 1907 o *Salão S. Carlos*, logo no início (nº2) da Rua Paiva de Andrade, e o *Salão Chiado* na Rua Nova do Almada (que cerca de dois anos depois fechava, pouco depois do dono abrir um *Salão Central* na Avenida da Liberdade, avenida que iria ao longo das décadas seguintes roubar algum protagonismos ao Chiado das salas de cinema). Como também seria popular o *Salão Trindade*, na Rua Nova do Trindade, que nascia em 1909. O Chiado da sala de ópera nacional, depois lugar dos teatros, também se assinalava como lugar das salas de cinema nas primeiras décadas do século XX.

Tudo começara ali bem perto do Chiado, na rua do Loreto, onde, em 1904, nascera o *Cinema Ideal*, a mais antiga sala de cinema ainda activa e a primeira a ser concebida com esse fim. Substituíra as efémeras barracas de feira que inicialmente exibiam a magia do animatógrafo, para o exhibir como arte, com histórias e narrativas mais complexas que concorriam com o teatro e as variedades.

Esta dinâmica cultural e artística desabitou o hábito do monge que dominava o Chiado medieval, abrindo-lhe espaços, criando outras dimensões de suspensão, já não religiosas, e com isso pedia elegâncias que se exibiam nesses lugares, como o *chique* que se exigia no Teatro D. Amélia/São Luís, ou no seu *Cine São Luís*, tal como já se exigia (e ainda se vai implicitamente exigindo) na ida à ópera do S. Carlos, onde por vezes o *foyer* se transformava num desfile de *passerelle* social de elegâncias, sempre mundanas por mais *chiques* que sejam, ao qual, no interior, os camarotes davam alguma continuidade.

Chiado comercial

O comércio, por vezes derivado do cultural e animado nas vivências dos cafés, fez do Chiado o centro da moda lisboeta. As suas fachadas e montras, nacionais ou, sobretudo, cosmopolitas, foram sempre parte da dinâmica visual do Chiado, da sua variedade e luxo, com que se opõe à regularidade da *Baixa Pombalina*. São múltiplas as actividades: as chapelarias, que teve e ainda vai tendo, os barbeiros, as casas de decoração e móveis, as papelarias (destacamos apenas uma referência histórica, a *Papelaria Veríssimos*, fundada em 1840), as farmácias, as joalharias, as casas fotográficas, de chocolates, a *lingerie* feminina (a famosa *A Pompadour*, com edifício de

Raul Lino inaugurado em 1925), etc, até às mais recentes marcas. Das mais variadas marcas dos mais diferentes produtos que lá se representaram, destaca-se normalmente a famosa *Singer*, que se instalava em 1874 em pleno Largo do Loreto.

E, claro, os grandes Armazéns, nascidos em plena *Belle Époque* e ao seu estilo, para durarem quase um século. Primeiro, os *Grandes Armazéns do Chiado*, que se instalavam no lugar da Igreja do Espírito Santo da Pedreira, destruída com o terramoto, e do Palácio Barcelinhos que ainda aí estivera a seguir durante alguns anos. Os *Grandes Armazéns do Chiado* nasciam em 1894, puxando para uma estratégica zona de encruzilhada do Chiado um comércio cosmopolita de modelo parisiense, uma espécie de *chique popular* centrado numa oferta alargada de artigos, sobretudo de confecção, perfumaria e ourivesaria. Logo ao lado, já a descer a Rua do Carmo, foram criados os *Armazéns Grandella* por Francisco de Almeida Grandella, com edifício do francês Georges Demaye inaugurado em Abril de 1907, numa arte nova de estrutura de ferro inspirada nos franceses *Samaritaine*. Foi deste edifício que emergiu o incêndio de 25 de Agosto de 1988, que simbolizou o fim desta forte tradição dos grandes armazéns.

Toda esta dinâmica comercial fez do Chiado um lugar de montras, um espectáculo visual da sedução ao consumo. Em 1928, entre 22 e 29 de Janeiro, o *Diário de Lisboa* organizou *A Semana dos Artistas*, que espalhou 66 artistas dos teatros do centro da Cidade ao longo das lojas do Chiado¹⁴. Também ficou famoso o papel do Chiado no concurso e prémio de decoração de montras que em 1940 o SPN de António Ferro criou, dentro da sua «campanha de bom gosto», iniciativa que ao longo dos anos foi tendo irregularmente edições similares.

E de montras, e pela mesma altura, durante a II Guerra, perante a neutralidade do país, paraíso dos espíões, os diferentes países em guerra faziam ali a sua propaganda, pelo Chiado — eram *montras políticas e de propaganda*. Em exemplo, a «montra alemã» da *Secção de Turismo dos Caminhos de Ferro Alemães*, que se situava estrategicamente, entre 1942 e 1946, no edifício na esquina entre a Rua Garrett e a Rua do Carmo, virado para os *Grandes Armazéns do Chiado*.

Não vamos apresentar a vasta listagens de lojas e marcas que fazem parte de uma vastíssima história do Chiado. Remetemos para a destacada viagem do livro de Mário Costa¹⁵, apenas a necessitar de actualizações desde a sua primeira edi-

14. «Semana dos Artistas em 1928», in <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/08/semana-dos-artistas-em-1928.html> [consulta: Janeiro 2016]

15. Remetemos para o conjunto do levantamento de Mário Costa, bastante completo até à década de 1950. Mário Costa, *O Chiado pitoresco e elegante. História. Figuras, Usos e Costumes*, Município de Lisboa, 1987 (2ª edição).

ção, nos inícios da década de 1960, onde ficou. Apresentemos apenas o panorama dinâmico da tradição de livreiros e redacções de gazetas, de lojas de música e discos e de fotografia, pela forte ligação às dimensões cultural e mundana que nos interessam aqui.

As casas livresiras sempre foram uma determinante expressão cultural do Chiado, tendo várias vezes tertúlias próprias (a de Aquilino Ribeiro na Bertrand ou do António Sérgio na Sá da Costa) que concorriam com as dos cafés. Elas são um símbolo da dobra do Chiado dos Conventos para o Chiado cultural e comercial, sendo a *Bertrand* um grande caso sobrevivente com os seus quase 300 anos, que a candidatou a livraria mais antiga do mundo ainda activa (mesmo que uns meses fechada, compreensivelmente, por causa dos efeitos do terramoto de 1755). A cultura livresca instalava-se no Chiado podendo ser elo de mediação entre a cultura dos mosteiros e a dos cafés, que pedia, e à do comércio de que já fazia parte.

Mário Costa deixou uma lista de livreiros no Chiado a partir do século XVIII, desde os irmãos Borel, Pedro de Melo, Pedro de Vale Cardoso, Manuel Caetano Ribeiro, José dos Santos, Paulo Martim, Valentim Lagier, a *Librairie Française*, ou a *Tipografia Franco-Portuguesa*. Mais recentemente a *Hermes* do Diário de Notícias, que foi também galeria de arte durante alguns anos. Muitas são ainda activas ou apenas recentemente desaparecidas. Com uma profundidade histórica que ainda se cruza com o Chiado dos Conventos, e consagrada como a mais antiga do mundo ainda activa, temos a *Bertrand* (desde 1732); mas ainda a *Ferin* (desde 1840), a *Sá da Costa*, a recentemente desaparecida *Portugal*, a *Aillaud & Lellos*, a *Luso-Espanhola* (onde, desde 1996, está a *Coimbra Editora*), a *Editora Ática*, que se instalava em 1946 no espaço que acabara de ser da propaganda alemã ou, algo recentemente, a *Fnac*, que é *livraria e outras coisas* (e que não fazendo parte da construção desse Chiado cultural, o revitalizou e lucrou).

O Chiado foi também sede de jornais e periódicos, em geral impressos ali perto, nas gráficas do Bairro Alto, permitindo que jornalistas, cronistas e ilustradores se cruzassem nos seus espaços. Mário Costa sinalizou essa «vida irrequieta das gazetas», dos «arautos da imprensa» que habitavam o Chiado¹⁶.

O Dia, que iniciou a 29 de Dezembro de 1887, até 1926, teve redacção instalada em pleno Chiado no nº80 (e na fase final na Rua António Maria Cardoso, nº20). O *Novidades*, fundado a 7 Janeiro 1885, após estar no nº25 da Praça Luís de Camões, instalou-se num 1º andar do nº109 da Rua Nova do Almada, na

16. *Ibidem*, p.367.

esquina com o Chiado, cujas janelas pareciam uma «atalaia sobre o Chiado»¹⁷.

O Palácio do Loreto no Chiado acolheu a redacção de *O Repórter* (que nascera em 1888) quando em 1916 ardeu o edifício desta no Terreiro do Paço. O *República* fundou-se em 1911 com instalação no 1º andar do nº48 do Chiado, mudando em 1915 para o Largo da Trindade. Na Rua das Portas de Santa Catarina, no antigo nº13 esteve a efémera revista literária *A Semana* (1850-1851). Abreviando, assinale-se ainda *A Vida Mundial Ilustrada*, a *Humanidade*, o *Arquivo Democrático*, o *Diabo*, além dos vários periódicos com domicílio na Bertrand. Houve também alguns periódicos que utilizaram o nome do Chiado. Destaque-se a *Gazeta do Chiado*, redigida no Restaurante Silva, que foi um semanário satírico e humorístico com grande sucesso em 1876-1877. Além dos referidos, havia todo um universo de jornais e revistas, de jornalistas e cronistas, que não estando no Chiado, estavam perto e nele passavam¹⁸. E, claro, não esquecendo a cumplicidade, e importância neste mundo de jornalista, da instalação da *Rádio Renascença* entre a Rua Ivens e a Rua do Loreto, onde está desde a década de 1930 e, por enquanto, até agora.

O Chiado também foi local de lojas de música e de discos. A mais famosa foi a *Valentim de Carvalho*, fundada a 14 de Fevereiro de 1824 por Eduard Neupart, musicólogo alemão, e com o seu nome (*Salão Neupart*), vendendo então instrumentos musicais e partituras impressas. Nos anos 20 começou a chamar-se *Valentim de Carvalho/Salão Neupart*, começando a vender os primeiros discos vinil, ainda a 78 rotações, chegando a representar as grandes marcas mundiais nas décadas de ouro do disco: His Master Voice, RCA, Decca, Columbia. Nos anos 30, criou ainda um estúdio de gravação no 1º andar da loja na Rua Nova do Almada. Esta loja encerrava com o incêndio de 1988, perdendo grande parte do seu arquivo histórico de gravações. A Valentim de Carvalho viria poucos anos depois, e durante alguns anos, a abrir uma mega loja na Rua do Carmo. Nascida na altura e em concorrência com esta, a Fnac fez e vai fazendo história no mundo do disco, agora CD. A *Companhia Nacional da Musica SA*, que em 2003 sucedia no mesmo espaço que já tinha sido a *Sassetti* e a *Strauss*, funciona mais abaixo na Rua Nova do Almada, nº 60-62.

Dedicado sobretudo à revenda em segunda mão, temos ali perto a *Louie Louie*, nas Escadinhas do Santo Espírito da Pedreira (que se instalara primeiro na Rua Nova do Trindade), e a *Sound Club Store*, no Espaço Chiado da Rua da Misericórdia.

17. *Ibidem*, p.369.

18. Para outra extensão destas diferentes manifestações da existência dos periódicos, cf. *Ibidem*, pp.367-379.

Refira-se ainda a peculiar *Cidade do Fado*, carrinha-loja que vende em plena Rua do Carmo, sobretudo fado e para os turistas.

Também as casas de fotografia confluem o lado artístico com o comercial. Eram chamados fotógrafos ou retratistas, destacando-se o ateliê e galeria Bobone, os irmãos Novais, o Vasques ou a Fotografia Alemã, a Fotografia Inglesa, a casa do Alfred Fillon, do Camacho, etc¹⁹. Parte essencial da história da fotografia em Portugal passa por estes nomes e pelo Chiado.

Chiado Mundano

Das tabernas, de onde nasceu (aludindo a taberna de Gaspar Dias), o Chiado sempre foi um lugar de restaurantes, casas de pasto, cafés, pastelarias, leitarias, gelatarias, etc., lugares cruciais da sua vasta história de dinâmica social e vivencial. A tradição mundana do Chiado, que não esquece as exhibições de elegância que o cultural e o comercial impunham, tem como principal nervo os cafés, de referência francesa e italiana, que em Lisboa se sobrepunham nitidamente ao *pub* inglês, e os restaurantes e casas de pasto. Local de fixação e convívio, que se articula com a demanda do passeio e travessia que a actual Rua Garrett cativa, eram também lugares de tertúlia e animação cultural. Alguns são lendários.

É o caso do famoso *Marrare do Polimento*, que se estendia pelos números 54 a 64 da actual Rua Garrett, para onde se deslocara em 1820 (depois de se ter instalado em 1818 no Largo de S. Carlos) pelo italiano António Marrare, para se tornar um centro de poder político e cultural (que em grande parte se transferiria para *Grémio Literário*) e o primeiro criador de *janotas* e de *marialvas*. Este «cenáculo da má-língua»²⁰ foi visto como «o mais notável pasmatório do Chiado, o primeiro palatatório da velha Olisipo» e «chamariz de todos os alfacinhas»²¹. Afirmaria Júlio de Castilho: «Lisboa era o Chiado; o Chiado era o Marrare; e o Marrare ditava a lei. Ser frequentador do Marrare era a suprema elegância para os elegantes; frequentar o Marrare era como para os romanos ir a Atenas; imprimia carácter»²². O Marrare foi perdendo fôlego na viragem do século para se extinguir em 1866. No seu vasto lugar iria instalar-se depois *O Café*, o *Alfaiate Jung* e no segundo andar o *Grupo dos Amigos de Lisboa*; e depois ainda muitas coisas²³.

19. *Ibidem*, pp.56-60, 113-115.

20. *Ibidem*, p.143.

21. Pinto de Carvalho, «Os Cafés de Lisboa, in Serões, nº53, apud Mário Costa, *Ibidem*, p.141.

22. Júlio de Castilho, *Memórias de Castilho*, apud Mário Costa, *O Chiado pitoresco e elegante. História. Figuras, Usos e Costumes*, Município de Lisboa, 1987 (2ª edição), p.142.

23. Para as múltiplas actividades que se instaram no «prédio do Marrare», cf. *Ibidem*, pp.146-153.



O MARRARE DO POLIMENTO
Pelos meados do século XIX



Figuras 1 e 2

Manuel de Macedo, «Noticiarista.
(à porta do café Marrare do Polimento)»,
in *Júlio de César Machado — Lisboa
na rua*, 1874

O *Café Central* (na actual Livraria Sá da Costa, logo ao lado e na sequência da *Brasileira* e *Bénard*), nascia com o desaparecimento do mítico *Marrare*, como que o sucedendo como placo de «boémia extravagante» e lugar de afirmação de janotas e marialvas. A *Pastelaria Marques* (em frente à Livraria Bertrand, entre os nº 70 e 72), era reconhecida pelo seu salão de casamentos. A *Leitaria Garrett* (no nº 46) começou na década de 1920, até 1982. Ainda sobreviventes e míticas: *A Brasileira*, a dos artistas e intelectuais modernistas por excelência, que nascia em 1905 para vender o genuíno café de Minas Gerais, que se reformulava como café em 1908, e que na reforma do espaço em 1925 incorporaria a referida galeria de quadros modernos, saídos com novas reformas do espaço efectuadas entres os anos 60 e 70, com crítico afunilamento do espaço e uma nova geração de quadros; e a *Bénard*, de tendência mais mundana e feminina com outros gostos e elegâncias afins, que também ainda lá está, praticamente logo ao lado.

Perto deste espírito de cafés temos a *Casa Havaneza*, nascida em 1865, conhecida pela importação de cigarros e charutos, sobretudo de Havana, que eram em tempos moda *chique* masculina. Tornou-se centro de crítica e maledicência, tendo sido conhecida por «Club des Bavard» ou «Academia da má língua», a que Raúl

Brandão chamou «termómetro» e Mário Costa «Caledoscópio citadino», e assim foi sendo praticamente até fechar algo abruptamente em 1960²⁴

Em continuidade, refiram-se alguns restaurantes históricos. O *Restaurante Club* ou *Restaurante Silva*, no 1º andar do nº12 da então Travessa de Estevão Galhardo, tinha janelas para o Chiado, e era frequentado pela classe alta e elegante. Num dos seus gabinetes estava a redacção da *Gazeta do Chiado*. O *Restaurante Augusto* no nº1 da travessa da Trindade, foi o grande concorrente do Silva.

Ali perto, vivendo o ambiente do Chiado, o *Café-Restaurante Tavares*, ou *Tavares Rico*, centro elegante onde cultura, política e boémia se juntavam, nascia em 1779 com café e bilhares, mas só em 1784 se instalava na Rua da Palma de S. Roque, onde foi atravessando os séculos com várias mudanças. Conta-se que os excêntricos irmãos Tavares, que assumiram o estabelecimento em 1823, dirigiam-se aos clientes em verso²⁵.

Tudo isto criou rotinas, tipologias e personagens típicas do Chiado. Havia a certa altura a hora do chá das cinco horas, a «hora estética» ou «hora do pecado»²⁶, em que o mais elegante mundo feminino aparecia — sobretudo na *Pastelaria Garrett* (ou a *Garrett do Chiado*) restaurante, pastelaria e casa de chá, devido ao seu espaço elegante criado no final da Grande Guerra com concertos musicais. Depois, com a falência desta em 1934, a moda transitaria em parte para as *Marques* e *Bénard*²⁷. Sobre o Chá das 5, e a sua relação com os janotas do Chiado, atendamos Ramalho Ortigão n' *As Farpas*:

«Toda a gente conhecida é em Lisboa um estreito círculo de senhoras, assinantes de S. Carlos, que se vestem na mesma costureira, que mandam vir os chapéus da mesma modista, que usam o mesmo perfume e concorrem de combinação nos mesmos sítios, nas matinées umas das outras, nos

24. *Ibidem*, pp.179-189.

25. *Ibidem*, pp.235-255.

26. António Alves Martins, «Chá das Cinco. A Hora do pecado», in *Diário de Lisboa*, 14 Maio 1921, p.4. O *Diário de Lisboa* criou, logo no seu aparecimento em 1921, a rubrica «Chá das Cinco», com comentários mundanos da vida de Lisboa e do Chiado: «Lisboa comentada às 5 da tarde», referia numa das crónicas a escritora Fernanda de Castro. Nela colaboraram nomes como Fernanda de Castro, António Ferro, Almada Negreiros, Thomaz Ribeiro Colaço, João Arneal, António Alves Martins, Sarmento Duque, Adolfo Norberto Lopes, entre outros. Numa das suas crónicas do «Chá das Cinco», escreveu Almada Negreiros: «Às cinco horas nunca me apetece chá, é só às cinco e meia, e apesar disso quasi sempre tomo café. (...) Já uma vez entornei sem querer um bule de chá por cima dos Lusíadas e ficou muito melhor. Era chá de tília por causa do nervoso. (...)». (*Diário de Lisboa*, 13 Junho 1921).

27. *Ibidem*, pp.114-115.

respetivos chás das 5 horas da tarde, nos bailes do Paço, no tiro aos pombos, etc. Todo o janota que não conhece estas senhoras não é um janota garantido e autêntico. Ora, na sociedade de Lisboa os homens, com exceção de alguns velhos, de alguns eclesiásticos e de um ou outro mendigo, são todos janotas: e, para o demonstrar, referem-se às senhoras a quem aludo como se entre eles e elas tivesse de todo o tempo existido a intimidade mais estreita, mais indissolúvel»²⁸.

Este era o mundo de uma personagem central do Chiado: a mulher elegante, a *coquette* nacional. Tal como a mulher da cidade moderna de Baudelaire, que «torna emprestada todas as artes» com a sua «frágil beleza»²⁹, esta é também para ser contemplada, com a sua bela figura elegante, do vestido à maquilhagem. Ela é o centro em torno da qual gravitam outras personagens típicas, como o janota e o marialva.

Os cafés foram absorvendo a cultura, parecendo por vezes que ela se fazia aí mesmo, substituindo os ateliês. Já disso ironizava nos anos 20 o jornalista Augusto D'Esaguy, em crónica indignada por não verificar a merecida atenção à *Exposição dos Cinco Independentes* (1923), de jovens artistas bolseiros de Paris:

«A vida do artista em Lisboa é toda amassada em blagues, nos cantos adormecidos dos cafés. Há artistas, nós o podemos apontar, que fazem do café o seu atelier — o atelier da má língua. Falam da sua obra como se tivessem obra, como se fossem mestres a quem a glória tocou há muito. Outros falam embriagados nos seus quadros, nos quadros mortos, falecidos, anónimos sem um grito, completamente ôcos, iguais aos do mestre, iguais aos dos catálogos estrangeiros»³⁰.

E 20 anos depois a mundanidade dos cafés do Chiado era ironizada, com perversos tons ideológicos, à facilidade com que o Chiado dos cafés servia de plataforma para uma fácil afirmação dos artistas modernistas:

28. Ramalho Ortigão, *As Farpas. Crónicas de Jornal*, p.190, in <http://cdn.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/09/As-Farpas-.pdf> [consulta: Janeiro 2016]

29. Charles Baudelaire, *O Pintor da Vida Moderna*, Lisboa: Editorial Veja, 2009, parte XI: O Elogio da maquilhagem, pp.49–52

30. Augusto D'Esaguy; “Vida artística — Henrique Franco e os 5 Independentes”, in *República*, Lisboa, 15 Novembro 1923, p.2.



Figura 3
Nogueira da Silva, «Tipos Nacionais—
O Janota (à porta do café *Marrare*
do Polimento)», in *Revista Popular*, 1851



Figura 4
Manuel de Macedo, «O Marialva (à porta
do Café Central)», in *O Gajo*, 1877

«O Chiado é a fábrica miraculosa onde se constrói a mentalidade semi-me-socratica do “Café”, anti-tradicionalista e espectacularmente liberal. O Chiado é uma espécie de túnel invisível pelo qual pode entrar um asno no Rossio para sair no Loreto uma celebridade...» (...) «ante-câmara de literatura “vanguardista” mais ou menos comunisante...»³¹.

O Chiado criou mesmo uma fauna própria. O seu ambiente foi o palco gerador dos famosos *janotas* e *marialvas*, figuras típicas de um excesso de exibição social que

³¹ Jorge Ramos: «Depoimentos. Comunisantes sem máscara, ensaístas sem cultura e nefelibatas sem vergonha», in *Aléo*, Lisboa, nº15 (série III), 5 outubro 1944, p.8.

o Chiado decretava. O *janota* («janotas de *Belle-Époque*»³² ou janotas do Chiado) é uma espécie de *dandy* ou *flâneur* em marca nacional. Não tem o estoicismo do *dandy* de Baudelaire, com o seu heroísmo na decadência de aristocrata, em entretempos de aristocracia e democracia³³. A versão do Chiado é mais superficial e frívola. Ramalho Ortigão descreveu os janotas n'*As Farpas*:

«Assim também se daria justa satisfação aos democratas janotas que, de guedelha anediada, calças arregaçadas, chapéu para trás, casaca nova, flor ao peito, lenço na manga, luvas desembainhadas, há catorze meses berram agudamente por mundanismo e por chique como esteios de uma república em que eles até hoje debalde esperam que o indigno capital e a corrupta aristocracia lhes proporcionem ocasião de estrear-se nos salões do novo regime, valsando com duquesas, fazendo olho de conta a princesas, mordendo reivindicativos e gulosos a mousse de jambon à la crème chantilly do abolido regime, e finalmente empiteirando-se a fundo com o Royal Selery, extra-seco, das instituições morta»³⁴.

«Os jovens janotas, de calças arregaçadas, chapéu de coco atirado para a nuca, bengala agarrada pelo meio, e pés curtos de bicos para dentro, sempre que não estão parados às esquinas, caminham rija e desenganadamente para a frente, parecendo quererem a cada passada carambolar com as duas bolas de bilhar que todos trazem metidas por dentro nas biqueiras dos seus sapatos americanos. Todos eles se penteiam (nenhum à Capoul como os do meu tempo) à moda nova, a quem em Montmartre chamam a coiffure casquette risca ao meio, e todos os cabelos, escorridos e lustrosos, achatados a toda a redondeza do crânio. E isso lhes dá o ar interessantíssimo de outros tantos náufragos acabando de emergir das vagas e aguardando os acontecimentos filosoficamente do alto de uma rocha»³⁵.

32. Mário Costa, *O Chiado pitoresco e elegante. História. Figuras, Usos e Costumes*, Município de Lisboa, 1987 (2ª edição), p.94.

33. Cf. Charles Baudelaire, *O Pintor da Vida Moderna*, Lisboa: Editorial Veja, 2009, parte IX: *O Dandy*, pp.41-45.

34. Ramalho Ortigão, *As Farpas. Crónicas de Jornal*, pp.559-560, in <http://cdn.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/09/As-Farpas-.pdf> [consulta: Novembro 2015]

35. *Ibidem*, pp.637-638, in <http://cdn.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/09/As-Farpas-.pdf> [consulta: Novembro 2015]

O *marialva* está mais próximo do *flâneur*, mas em versão mais alfacinha e provinciana. Esta versão portuguesa do *flâneur* é mais preguiçosa, ficando encostado à parede enquanto *voyeur* da cidade: que em vez de se *passar vendo* prefere *ver passar estando*. Não tem muito desse *flâneur* de Baudelaire que se «casa com a multidão»³⁶, nem desse «ocioso urbano» «que habita os espaços intermédios», tal como o caracteriza Walter Benjamin³⁷. Por isso também é bem menor a sua resposta às modas, de que é caricata versão. O *Marialva* era mais rude, um «brigão audacioso mas provocante, que, apenas pelo luxo de ser falado, sem causa a justificar-lhe o acto, armava horrível contenda, onde o box e a cana da índia eram, por vezes, valiosos auxílios de trunfo». De aparência, «o *Marialva* era, em geral, delgado, ossudo, o rosto macilento pelas noites perdidas à mesa do jogo, nas ceias dos restaurantes, nas alcovas perfumadas do *demi-monde*», com a «calça esguia, apertada pela perna, um pouco larga sobre a bota, chapéu alto de aba direita» e o «calçado era quase sempre de salto de prateleira, onde a espora de correia tilintava caindo desdenhosa»³⁸.

Das representações destas figuras, destacamos as caricaturas de Nogueira da Silva (1830-1868) e Manuel de Macedo (1839-1915), dignos antecessores de Raphael Bordalo Pinheiro, e por isso algo esquecidos, porque este tudo abafou com o seu impacto na caricatura portuguesa da segunda metade de novecentos.

Famosos e típicos durante quase todo o século foram os *galegos*, que normalmente acumulavam as funções de paquetes com a de aguadeiros. Os «paquetes do Chiado», que vadiavam pelas portas do Central, viviam por trocos de recadinhos amorosos ou segurar ginetes de janotas e *marialvas*³⁹. Estes moços de fretes que pairavam no Largo do Loreto eram sobretudo *galegos*, que ali exerciam a actividade de aguadeiros, fazendo com que este lugar, já com vários nomes, como vimos, ganhasse ainda a alcunha de *Largo dos Galegos*⁴⁰.

«Em 1800, os *galegos* imigrados em Portugal são já perto de 80 mil. Ao longo dos 100 anos seguintes, dedicar-se-ão sobretudo à venda ambulante de água pelas ruas de Lisboa. Estão por todo o lado: entre o Rossio e a Arcada

36. Charles Baudelaire, *O Pintor da Vida Moderna*, Lisboa: Editorial Veja, 2009, parte III: O artista, homem do mundo, homem das multidões e criança, pp.13-20.

37. Cf. Neil Leach, *La an-estética de la arquitectura*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001, p.70.

38. Moura Cabral, *O Chiado*, apud Mário Costa, *O Chiado pitoresco e elegante. História. Figuras, Usos e Costumes*, Município de Lisboa, 1987 (2ª edição), p.229.

39. Mário Costa, *O Chiado pitoresco e elegante. História. Figuras, Usos e Costumes*, Município de Lisboa, 1987 (2ª edição), p.251.

40. Cf. *Ibidem*, pp.95-96.

do Terreiro do Paço, entre os ministérios e o cais, à porta dos armazéns, à esquina das ruas da Baixa, aos montes no Chiado, onde havia um largo conhecido por “Ilha dos Galegos”. Só aguadeiros, em Lisboa, são 3.454 por volta de 1830. Mas servem ainda para levar a trazer recados, para entregar encomendas ou fazer mudanças de casa. Dois galegos e uma corda podiam transportar quase toda a mobília de uma sala, dizia-se então. E dizia-se também que um amor sem galego era um amor sem pés»⁴¹.

Esta presença de galegos no Chiado devia-se, antes de tudo, ao chafariz do que se instalara no Loreto, construído entre 1871 e 1874, onde Machado de Castro esculpiu uma figura de Neptuno, que ainda estaria aí por cerca de 80 anos, sendo depois deslocada a escultura para o Largo da Estefânia. Cada chafariz costumava ter por decreto um certo número de aguadeiros, que à época eram constituídos, quase na totalidade, por galegos. Sabe-se que o do Chiado, o terceiro maior de Lisboa, tinha 198 aguadeiros no ano de 1851. A concentração dos mesmos perto da entrada de cafés elegantes tornou-os especialistas de recados amorosos.

Podemos ainda acrescentar toda uma lista de actividades que enchiam o Chiado, com cheiros, sons ou cores próprios, como as floristas (com a Tia Russa, famosa pela sua feiura⁴²) o realejo, as castanhas, os engraxadores ou os ardinias. Muitas delas desaparecerem, outras trocaram-se ou *vestiram outras modas*. Hoje encontramos as mais diferentes expressões musicais, sobretudo no Largo do Chiado, além de malabaristas, mimos, ou ainda de desenhadores e pintores de rua.

O turismo da Era da Globalização, que invadiu hoje o Chiado, sendo o mais intenso causador de um actual processo de metamorfose, a ponderar, tem diluído a caracterização destas figuras típicas, tal como tem feito aparecer negócios novos, cruzados com o fim de outros. Mas o turismo já tinha forte tradição no Chiado, e alguns foram marcantes no século XIX, como o *Hotel Mata*, o *Hotel Gibraltar* (*a que sucedeu o Hotel Universal*), o *Hotel dos Embaixadores*, o *Hotel Europa* (*ou Hôtel de l'Europe*), o *Hotel Itália*, ou o *Hotel Alliance*. Ainda activo temos o *Grande Hotel Borges*, criado em 1884, data em que o Chiado tinha oito hotéis, e que Mário Costa apresenta como «a melhor *câmara óptica*, para observação das elegantes que passam»⁴³. Mais recente, temos o *Hotel Chiado*, que a reconstrução do Chiado após o

41. Marina Tavares Dias, «Os Galegos», in: <http://lisboadesaparecida.blogspot.pt/2014/04/os-galegos.html> [consulta: Janeiro 2016]

42. Cf. Mário Costa, *O Chiado pitoresco e elegante. História. Figuras, Usos e Costumes*, Município de Lisboa, 1987 (2ª edição), p.108.

43. *Ibidem*, p.131. Para outra extensão dos antigos hotéis do Chiado, cf. *Ibidem*, pp.127-131.

incêndio colocou nos dois últimos andares dos Armazéns do Chiado para, como muitos outros nos arredores do Chiado, dar resposta a explosão turística de Lisboa nos últimos anos.

Bastante marcante na vida turística do Chiado foi a criação do Dia do Turista, 10 de Abril, criado pelo SNI em 1963⁴⁴. O Chiado foi uma das artérias de Lisboa onde esta comemoração mais atenção e efeito provocaram. Hoje, praticamente todos os dias são dias do turismo no Chiado. Todo o seu comércio cede a essa marca, em esforço difícil com as suas tradições, e em tempos que muitas delas se perdem ou já se perderam. Nos últimos anos assiste-se ao desaparecimento do último barbeiro ou da última casa de pasto. Lisboa está na moda turística, e o Chiado ainda mais. Mas há uma tensão entre esta nova dinâmica e a sua ligação com a tradicional. Se o Chiado era o lugar de Lisboa que mais queria estar à moda de Paris, para aí adquirir uma referência cosmopolita, também foi, por isso mesmo, um lugar que sempre articulou várias camadas de tradições. Agora acentuou-se como lugar de outra recepção cosmopolita a do *turismo* contemporâneo da globalização (e já não do *romantismo*, do *naturalismo* ou do *modernismo*), como lugar de outras passagens efémeras e sem rotina enraizada. Pouco bairro de habitação, o Chiado arrisca-se a perder uma *fauna* própria que foi a sua história e carácter nessa disseminação turística.

Dromologia, sincretismo e heterotopia no Chiado

Depois do esforço de caracterização dos lugares, procuremos entender as suas dinâmicas espaciais e vivenciais. O Chiado foi sobretudo um lugar de passagem, mas que soube inculcar desacelerações e pausas ao transeunte. O Chiado tornou-se a parte alta da baixa de Lisboa, sendo lugar de passagem por via da Rua Garrett, para depois se desdobrar para a Praça do Comércio via Rua Nova do Almada, ou para o Rossio via Rua do Carmo. Esta última via permitia ainda a passagem, na segunda metade do século XIX, para o *Passeio Público*, vasto jardim da Lisboa romântica, que tinha as suas portas principais viradas para os actuais Restauradores. Entre uma e outra, várias perpendiculares efectuam passagens urbanas, autênticas travessas (típicas da Lisboa antiga) que atalham a ligação do Chiado a outras partes adjacentes da cidade.

Este lugar de passagem que é o Chiado, de domínio pedonal na sua génese, foi incorporando outras velocidades que os novos tempos pediam: a carruagem ainda no século XIX, o eléctrico (hoje ainda passa o 28, grande sobrevivente do tempo dos eléctricos, e de grande sucesso turístico), o elevador (o do Chiado, o de São

44. Cf. *Ibidem*, pp.83-84.

Julião e o único ainda activo de Santa Justa⁴⁵), o automóvel, os mais recentes *tuk-tuk's* (sucesso turísticos, com o seu chiar de motoreta, que alguns lisboetas consideram uma praga), ou ainda o comboio (considerando a proximidade anexa de um dos terminais de comboio mais marcantes da cidade e o mais urbano porque perto do centro: a estação dos Restauradores, com a sua particular traça neomanuelina com que se dispõe para a cidade entre as praças dos Rossio e dos Restauradores). Subterraneamente, ainda, o eixo veloz do metro, que finta o obstáculo físico da cidade de superfície, fornecendo ao peão não só novos eixos subterrâneos de ligação interna ao bairro, gerindo as próprias assimetrias que caracterizam o Chiado, entre a saída no topo, bem perto das esculturas dos poetas Chiado e Fernando Pessoa, ou em baixo, defronte á ortogonalidade da malha Pombalina.

Consideramos que a dimensão pedonal ainda domina no Chiado e dificilmente deixará assim de ser: o peão é o centro referencial dos seus ritmos, o diapasão das suas velocidades. Se o Chiado é zona de passagem e de encruzilhada de diferentes meios de transporte e suas diferentes velocidades, estas são também acondicionadas (desaceleradas, diríamos) para o próprio peão; como para os outros planos (cultural, comercial e mundano) que a animam e servem de suspensão das velocidades, sempre com o peão ao centro. A *rua* é ainda do peão; não é a *estrada* do automóvel. O Chiado criou um ritmo sincrético próprio que resistiu à poluição que as velocidades efectuam sobre a habitabilidade dos espaços, tal como Paul Virilio definiu com a sua noção de *dromologia*⁴⁶.

A dimensão física de qualquer urbanidade é definida pelo espaço enquanto abertura e fechamento, cheio e vazio, enquanto edifício e rua, em modos de relações e dinâmicas. A espacialidade urbana vive sobretudo de «interespaços» ou

45. Todos eles foram concebidos por Raoul Mesnier: o Elevador do Chiado foi o primeiro, entre a Rua do Crucifixo e a Rua Nova do Carmo, atravessando o Hotel Universal, existindo entre 1892 e 1912, para se desfazer com a construção dos Armazéns do Chiado; o elevador de Santa Justa, ou ascensor Ouro-Carmo como se chamou, marca da arquitectura do ferro no seu neo-gótico, foi inaugurado em 1902 estando ainda activo; e ainda o Elevador de São Julião, também conhecido como Elevador da Biblioteca Pública ou do Município, que ligava o Largo de S. Julião e o Largo da Biblioteca, hoje da Academia de Belas Artes, inaugurado em 1897 e activo até 1915, sendo desmantelado em 1920; estes dois últimos eram raridades de puro eixo vertical; todos eles geriam a oscilação desnivelada das cotas topográficas do Chiado. Houve ainda o projecto monumental e algo utópico, que não se chegou a construir, não de um ascensor para superar declives como os anteriores, mas de uma passadeira a ligar as colinas: um projecto de um viaduto metálico apresentado por Miguel Pais em 1880 que ligava o Chiado ao Largo do Caldas. Cf. *Ibidem*, p.47-50, 105-108.

46. Cf. Fernando Rosa Dias, «A “dromologia” de Paul Virilio e a arquitectura contemporânea: reflexões sobre a crise da “polis” e da “domus”», in *Arte Teoria*, Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, nº7, 2005, pp.234-248.

intervalos, no seio do qual se comportam forças, e não propriamente de vazios⁴⁷. No Chiado há uma multiplicidade orgânica das forças destes espaços.

Esta «ladeira vaidosa», assim lhe chamou Ramalho Ortigão, «artéria chique», «centro de elegância, de blague, de sorriso»⁴⁸, parecia ser o centro de tudo. O Chiado tem tudo e está perto de tudo, e tudo está perto do Chiado. Em tempos tudo aí parecia acontecer primeiro, e tudo aí se parecia decidir: «o que um pequeno número de jornalistas, de políticos, de banqueiros, de mundanos, decidir no Chiado que Portugal seja — é o que Portugal é»⁴⁹. Ou ainda: «O Chiado não é Lisboa, Lisboa não é o País, mas a verdade é que para conhecer o País é necessário conhecer Lisboa e para conhecer Lisboa é necessário conhecer o Chiado»⁵⁰.

O Chiado não é nem nunca quis ser uma *utopia*. A sua história é de metamorfoses nas quais podemos observar um microcosmos de várias mudanças históricas, sociais e culturais. O seu corolário é esse sincretismo onde se cruzam várias *dromologias*. Talvez o possamos considerar uma urbanidade heterotópica na linha de Vattimo, enquanto lugar que não tem um código fechado, mas aberto e móbil, por oscilação, fluidez e desenraizamento, portanto lúdica⁵¹. O Chiado não é um lugar de um género único de habitante, mas um lugar que todos podem habitar. Mas aqui, mais do que se poluírem umas às outras, essas velocidades parecem querer definir um lugar concreto — o Chiado. Talvez por isso o Chiado seja uma espécie de «centro de gravidade» de Lisboa⁵²: como se todos os ritmos da cidade, ela por si tão plural, estivessem nele contidos, sincrética e heterotopicamente.

Saturado de sensações e sinestésias, o Chiado concentra uma modernidade que o país não conseguia ser e aí se conjeturava. Era a melancolia da geração de 70, dos Vencidos da Vida (e as conferências do Casino mesmo ali tão perto, no antigo Largo da Abegoaria, hoje Largo Raphael Bordalo Pinheiro), que sonharam um país que excedia o real, ou a consumição dos modernos por desejarem outra arte e actualidade. Mas essas modernidades só existiam aí de passagem, efémeras e narcoticamente, como modas fútuas que se tornavam história na sua própria expressão imaginária. Que aconteciam nesse peculiar lugar de

47. Cf. Rudolph Arnheim, *A Dinâmica a Forma Arquitectónica*, Lisboa: Editorial Presença, pp.23-25.

48. Mário Costa, *O Chiado pitoresco e elegante. História. Figuras, Usos e Costumes*, Município de Lisboa, 1987 (2ª edição), p.19.

49. Eça de Queirós, cit. Luís de Oliveira Guimarães, in *Ibidem*, p.12.

50. José Sousa Gomes, cit. *Ibidem*, p.20.

51. Cf. Cf. Gianni Vattimo, *A Sociedade Transparente*, Lisboa, Relógio d'Água, 1992, pp.65-66.

52. Guilherme d'Oliveira Martins, «A Alma do chiado...», in livro/catálogo: *Chiado — efervescência urbana, artística e cultural de um lugar* (coordenação de José Quaresma e Fernando Rosa Dias), Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, CIEBA, 2010, p.52.

passagem que é o Chiado, e que consegue *inscrever o passageiro na (sua) história*.

O Chiado incorpora uma vasta história de mudanças físicas e sociais, hábitos e modas, com variantes de cores, sons e cheiros, com as suas diferenças de traças e perfis arquitectónicos, de mutações de fachadas e montras, por vezes com transformações na malha urbana (embora mantendo a estrutura, mesmo que com camadas de mudanças toponímicas), alterações de alturas, modificações dos solos (por exemplo, o asfalto e calcetamento foram obras decorridas mais ou menos entre 1886 e 1888, substituindo a incómoda poeira de Verão do anterior *macadame*), ou variações da própria luz, da natural à artificial.

Lugar de passagem para a Baixa ou o Jardim Público, o Chiado tornou-se lugar de *passerelle* de elegâncias. Passar no Chiado era querer estar na moda internacional, que foi faceta mundana de muitos dos seus modernismos. Centro de modernidade, com as modas e gostos, mas também de património, de História e historietas, é o lugar onde melhor se oferece tanto a profundidade do tempo como a fugacidade da vida, apresentando-se assim como o lugar de Lisboa onde melhor se espelha a definição paradoxal da modernidade de Baudelaire, que congrega de um lado «o transitório, o fugitivo, o contingente» e do outro «o eterno e o imutável»⁵³.

Mesmo com os golpes trágicos, do terramoto de 1775 ao incêndio do Chiado de 1988, é um espaço de sobrevivências e de metamorfoses, com passagens e ligações entre diferentes tempos, em que o novo se liga com o velho, infiltrando-se um no outro. Foi certamente isso que lhe permitiu ser um espaço onde a escala vivencial do peão, no seu centro, se mantém sem perda substancial de outros ritmos, que interagem e discorrem a partir deste centro.

A pergunta de espanto olisipográfico será: como é que cabem tantas camadas de memória e de vida no Chiado? Concentrado de História e histórias, o Chiado cria um imaginário que impregna o real, passando a defini-lo, e sem o qual não se entendia. O seu excesso não cria um hiper-real, como um simulacro *baudrillardiano*⁵⁴, porque a história e mitografia do lugar lhe oferece uma gravidade e um conteúdo. Os signos artificiais não engolem o real, porque nunca se conseguem desenraizar dessa espessura. O artifício do *simulacro* chega tarde porque o Chiado o atende com a espessura de uma ontologia complexa e densa, carregada de história e de desejo, e onde já várias histórias de artifício estão incorporadas. As estratégias do simulacro já estão integradas, vindas de modos do passado que ali se aclamaram: nos

53. Charles Baudelaire, *O Pintor da Vida Moderna*, Lisboa: Editorial Veja, 2009, parte IV: A Modernidade, pp.21-24.

54. Cf. Jean Baudrillard, *Simulacros e Simulação*, Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

artifícios da moda do *janota*, na ilusão da arte, na *blague* dos modernistas, na sedução das montras, etc. Mito e realidade são o real do Chiado.

No Chiado a transparência e sedução nunca podem ser lisas. Há uma opacidade que se arremete, venha ela do mito ou da realidade do Chiado, tantas vezes indistintos. Há uma resistência (um tédio, uma melancolia) que o faz resistir à lisura da «sociedade positiva, na qual as coisas, doravante transformadas em mercadoria, devem *expor-se para ser*, o seu valor cultural desaparece em benefício do seu valor de exposição». O Chiado repousa em si mesmo, cativando a distância de uma aura, de inacessibilidade, que lhe permite resistir à «tirania da visibilidade», à «*coação icónica* da transformação em *imagem*», da submissão ao puro domínio da visibilidade⁵⁵. O Chiado oferece uma aderência e opacidade que faz com que mesmo as suas componentes de imaginário, os seus jogos de aparência e de sedução expositiva, não se sobreponham à sua vontade de existência.

Terminemos com uma tentativa alegórica. A estátua de Fernando Pessoa, inaugurada a 13 Junho 1988 em plena esplanada do café *A Brasileira*, é um centro particular de cativação do transeunte, um peculiar sucesso de arte pública por interacção e proximidade. Esta escultura de Fernando Pessoa foi efectuada por Lagoa Henriques, formado nas Belas Artes do Porto, mas que durante vários anos foi relevante Professor de Desenho na Faculdade de Belas Artes situada na zona do Chiado, instituição esta que acolheu o seu espólio e que hoje apresenta num nicho dos seus corredores o restaurado gesso da mesma estátua de Fernando Pessoa. Diz-se que o poeta era uma figura reservada mas de múltiplas tertúlias circunscritas, entre *A Brasileira* e o *Martinho da Arcada*, tal como nos mostram os diários nas suas *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* (destacamos o ano de 1913), com a multiplicidade de encontros vários com figuras da cultura portuguesa. Hoje é o turista anónimo, centenas e milhares por dia, que se sentam com a sua imagem, num particular momento de suspensão no seio dos ritmos do Chiado. E daí observamos, logo em frente, a estátua do Poeta Chiado e, mais ao fundo, o Monumento a Camões (referência do romantismo, obra do escultor Victor Bastos), numa conexão visual entre poetas (e esculturas) de diferentes épocas e estéticas. Entre o monumento a Camões e a escultura de Fernando Pessoa, os mais míticos poetas da cultura portuguesa, uma diferença se instala. A primeira estátua ocupa uma praça; a outra, uma mesa. Uma está num pedestal; a outra sentada à mesa connosco. Verifica-se uma mistura de encanto e tédio que despoleta uma profundidade reflexiva e estética, cavada nesse

55. Cf. Byung-Chul Han, *A Sociedade da Transparência*, Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2014, pp.25-26.

contraponto entre a proximidade intimista da estátua de Pessoa e a distância solene e inacessível de Camões. O Chiado sempre no meio. Propomos este contraste como uma *alegórica ratoeira*, em que, por breves segundos, o anónimo viandante (ou turista) sofre o silencioso impacto de um tédio atávico impregnado por esses resíduos de mitologias e imaginários que o Chiado bafeja.

O Chiado sabe-me a açorda.

Corro ao fluir do Tejo lá em baixo.

Mas nem ali há universo.

E o tédio persiste como uma mão regando no escuro.

(Álvaro de Campos / Fernando Pessoa)